

CONVERSA COM RIZELDA DE BRITO, MADRINHA DA IRMANDADE DAIMISTA AMAZÔNICA DO CENTRO ECLÉTICO FLOR DO LÓTUS ILUMINADO (CEFLI)

Conversation with Rizelda de Brito, godmother of the Amazonian daimist brotherhood of the Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado (CEFLI)

Fernanda Cougo Mendonça*

Universidade Federal do Acre (UFAC)

DOI: 10.29327/256659.16.1-1



Fonte: arquivo da entrevista

* Doutoranda em Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC), vinculada ao Grupo de Pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória (GPHCLIM). E-mail: cougo.fer@gmail.com

A presente *entre-vista*¹ se deu no contexto da pesquisa de campo do doutorado que estou realizando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre. Pesquisa intitulada (por ora) “O desabrochar da Flor do Lótus - performances femininas em tecituras de memórias daimistas na Amazônia acreana”. Penso que antes da transcrição, cabe uma breve contextualização. Nascida em 07 de agosto de 1941, Rizelda de Brito Nascimento (a entrevistada) é uma das matriarcas (a anciã mais velha) que criam/compõem a cultura e a identidade viva, dinâmica, compósita, rizomática² e de uma comunidade do Daime³ da/na Amazônia acreana: o Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado – CEFLI (ela é esposa/viúva do fundador do Centro, o mestre conselheiro Luiz Mendes do Nascimento, falecido em 2019)⁴.

Foi através dela que (no ano de 1962, mesmo ano em que se casaram) Luiz Mendes ingressou na irmandade do Daime. Juntos, Luiz e Rizelda constituíram uma grande família com filhos netos e bisnetos que, em sua maioria, comungam da mesma religiosidade. Mas, sua família é ainda maior. Seguindo uma longa trajetória de vida dedicada ao Daime e habitando atualmente na comunidade Fortaleza, madrinha Rizelda e padrinho Luiz (agora no

¹ Nas palavras de Portelli, a *entre/vista* “é uma troca de olhares” onde as memórias e narrativas da pessoa narradora são provocadas, estimuladas pela pesquisadora, na presença de um gravador e um bloco de notas. Assim, “os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo” (Portelli, 2010, p.19). E nessa relação estabelecida em campo entre narradoras e pesquisadoras, estas têm “tudo a ganhar com os ouvidos abertos.” (Portelli, 2010, p.213). “Ao invés de irmos à casa de alguém e tomarmos seu tempo a lhe fazer perguntas, vamos à casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. [...] E se ouvirmos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas” (Portelli, 1997, p.21).

²Identidade rizoma é uma bela imagem/metáfora onde Glissant (2005), fundamentado em Deleuze e Guattari, propõe pensarmos em raízes indo ao encontro de outras raízes, nos distanciando da ideia de uma identidade de raiz única, fixa, excludente, intolerante, imutável. O que daria origem a uma poética da diversidade. No mesmo sentido entendo culturas vivas, da diáspora, compósitas. Em diálogo com Glissant (2005) e Hall (2003) cabe considerar que no mundo, hoje, somos pessoas herdeiras das diásporas impostas/sofridas pela/modernidade ocidental e seus terríveis processos de colonização. E dentro de uma estética da diáspora não é possível retornar a um essencialismo de culturas originais, puras, intocáveis. “Também não faz sentido falarmos em identidade cultural se por ela entendemos algo pronto, fechado em si mesmo. Somos seres em constante transformação e essa se dá pelo contato, pelo intercâmbio. Culturas e identidades que se entrecruzam e produzem novas culturas, discursos e metáforas” (Mendonça, 2016, p.18).

³ Em seus estudos com a bebida ritual indígena conhecida como Ayahuasca (feita a partir do cozimento de um cipó e uma folha específicos) utilizada ancestralmente por muitos povos, das muitas Amazônias, Raimundo Irineu Serra lhe dá o nome de Daime referindo-se ao verbo dar: “Dai-me luz”, “dai-me força”, “dai-me amor”, “dai-me saúde”. Seriam invocações ou pedidos feitos ao se tomara bebida. O nome do chá virou sinônimo da doutrina religiosa fundada pelo Mestre Irineu: Daime ou Santo Daime

⁴ Para saber mais sobre Luiz Mendes, importante liderança religiosa daimista, e sobre o CEFLI ver: Mendonça, 2016. Mendonça, 2017; Mendonça, Nascimento, 2019.

plano espiritual) possuem uma infinidade de afilhados no Brasil e no exterior. São seus filhos e filhas na grande irmandade daimista (Cf. Mendonça; Nascimento, 2019).

A anciã, hoje com seus 83 anos completos, chegou à doutrina do Daime, à casa do Mestre Raimundo Irineu Serra (o fundador do Daime), no Alto Santo⁵ (Rio Branco-Acre) aos sete anos de idade, acompanhando sua mãe, a senhora Ana de Souza, seu pai Elias Brito e junto aos seus irmãos José, Pedro e Chagas.

Ela, que saiu da região do Limoeiro no Ceará ainda no ventre de sua mãe, fugindo da fome, da miséria... que, após muitos meses e quilômetros de deslocamento, nasceu em meio de viagem, na enfermaria de Manaus. Que aos seis meses de vida seguiu em embarcações pelos rios amazônicos com destino aos seringais acreanos, na esperança de um futuro melhor, de uma vida digna... que nos seringais sofreu, ainda pequenina, com a exploração dos patrões; que devido às péssimas condições teve que se deslocar mais uma vez, junto à sua família, caminhando por entre florestas e pastos, passando sede, dormindo em estábulo de ovelhas...

Pois essa menina chegou à casa de Irineu Serra e por ele foi acolhida com muito amor. Desde então, ingressou na escola do Daime, escola Rainha da Floresta e se mostrou uma aluna aplicada. Aprendeu de cor os muitos hinários que compõem a poética musical dessa tradição oral viva, dessa manifestação religiosa da cultura popular acreana. Aprendeu a rezar, cantar e bailar valsas, marchas e mazurcas, sem sair do seu lugar durante as longas cerimônias daimistas, sob o potente efeito do chá sagrado de origem indígena. Aprendeu a organizar as fileiras do batalhão feminino e a integrar a equipe de diferentes rituais da comunidade, ainda na época do Mestre Irineu. Aprendeu com ele a usar as medicações da floresta e as orações durante a gestação e os partos (aprendendo também com sua mãe e outras senhoras do Alto Santo a arte/rito de partejar) e para cura das crianças

⁵ Por volta do ano de 1946, Mestre Irineu recebeu do então governador do Acre, Guimard dos Santos, a doação de uma colação na colônia chamada Custódio Freire, localizada na zona rural de Rio Branco. A colônia foi rebatizada pelo Mestre por “Alto da Santa Cruz” e acabou ficando conhecida como “Alto Santo”. Nessa localidade a irmandade daimista cresceu formando uma grande comunidade e a doutrina do Daime foi consolidada. O culto foi oficialmente registrado com o nome de Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – CICLU, em 23 de janeiro de 1971. Em 6 de julho do mesmo ano, Mestre Irineu vem a falecer. (Cf. Mendonça, 2016, p.46) Posteriormente a localidade foi registrada como bairro Irineu Serra e o nome CICLU – Alto Santo passou a se referir especificamente à sede de trabalhos fundada pelo Mestre Irineu e zelada por sua esposa e senhora Peregrina Gomes Serra e grande família. Nas narrativas de dona Rizelda “Alto Santo” ainda se refere à localidade de maneira ampla.

doentes. Aprendeu com sua mãe a fazer fardas (vestimenta dos rituais) e a organizar com muito capricho a sede de trabalhos, onde se realizam as cerimônias, cuidando de cada detalhe: a limpeza do espaço; a organização e ornamentação da sede de festividades daimistas; a limpeza e organização do espaço e dos utensílios para a serventia do Daime.

De aprendiz Rizelda veio a ser professora das práticas religiosas daimistas. Hoje viúva, ela continua exercendo, com grande simplicidade, suas funções de liderança religiosa; madrinha e conselheira. Sua presença nos trabalhos espirituais do CEFLI e no dia-a-dia da comunidade é uma fonte de firmeza, inspiração e uma memória viva da história da doutrina daimista do Mestre Irineu. A anciã é parte fundamental da fundação e da continuidade dos saberes e fazeres rituais dessa irmandade daimista amazônica; suas memórias, identidade e cultura.

Importa destacar que a doutrina do Daime é herdeira das diásporas; expressão viva de uma poética da diversidade. Doutrina musical, cristã, que incorpora práticas de vegetelistas amazônicos e se constitui em torno de uma bebida de origem indígena. Doutrina que tem como mestre fundador um homem negro, por nome Raimundo Irineu Serra. Homem da escola da oralidade, neto de pessoas africanas escravizadas no Brasil, nascido no Maranhão no final do século XIX. Homem que se deslocou para o Acre, assim como milhares de outros homens, para trabalhar na extração do látex. E no interior da floresta amazônica, na região fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia, foi iniciado por caboclos peruanos nos mistérios da Ayahuasca.

Adentrando à ciência dessa bebida estabeleceu contato com o ser que a habita, sua professora, Clara, identificada por ele como a Rainha da Floresta, a Virgem da Conceição, Senhora da Lua: uma Deusa Universal. Irineu escutou suas palavras e dela recebeu os ensinamentos em forma de poemas musicais. Passou por uma dieta própria da iniciação de xamãs amazônicos, por um período de aprendizagem e se tornou um grande curador e professor, o “velho Juramidam”. No seio da Amazônia acreana recebeu e formou uma doutrina, a doutrina do Daime – nome que deu à Ayahuasca. Doutrina musical hoje cantada e bailada, vivida, lembrada, narrada por milhares de pessoas, de distintas culturas, em diversas localidades do mundo (Cf. Mendonça; Nascimento, 2019).

Assim como a bebida é rebatizada e inserida em uma nova ritualística, também Irineu recebe um novo nome, condizente com suas novas funções de Mestre: Jura-midam. Em contato com sua professora, incorporando, renovando e transformando elementos de xamanismos indígenas e vegetalismos amazônicos, de catolicismos, cultos afro-brasileiros, esoterismo, espiritismo e hierarquias militares Irineu vai, pouco a pouco, se desenvolvendo e desenvolvendo sua doutrina. Das primeiras concentrações de cura na Vila Ivonete, passando por Chamados assobiados ou solfeados, Mestre Irineu recebe e canta o seu 'Cruzeiro com 132 flores', suas diversões, a missa para os mortos; estabelece bailados, insere maracás e instrumentos de harmonia, fardas e hierarquias em seu batalhão. E sua doutrina se torna uma ordenada e bela doutrina musical: [...]

Os hinos são mensagens percebidas/recebidas (primeiramente pelo Mestre Irineu e posteriormente por seus discípulos) em momentos de contato com realidades não-ordinárias vivenciados sob o efeito do Daime. Não podem, contudo, ser desvinculados da pessoa que os recebe; pessoa inserida em contextos históricos e socioculturais. Poemas cantados que, dentro de uma tradição oral, são primeiramente escutados/percebidos/ vivenciados pelo receptor e posteriormente transmitidos por sua voz aos demais. Uma vez aprendidos serão cantados por todos em uníssono dentro dos rituais daimistas. Acompanhados por instrumentos musicais e por bailados característicos, se desdobram em performances rituais coletivas sendo refuncionalizados a cada sessão. Extrapolam, portanto, os contextos em que foram recebidos e com significados renovados fazem sentido para diversas pessoas de distintas localidades, culturas e tempos. Constituem a base fundamental do culto daimista no que diz respeito ao ritual propriamente dito, à transmissão e preservação dos saberes e aos princípios éticos a serem praticados pela irmandade no dia-a-dia. (Mendonça, 2016, p. 44-45)

Nessa conversa coloquial de fim de tarde⁶, na varanda de sua casa na comunidade Fortaleza (Capixaba, Acre) Rizelda rememora, tece e conta singelas lembranças sobre a constituição dos ritos no tempo do Mestre Irineu; especialmente sobre as preces, a introdução dos instrumentos musicais, as puxadas dos hinários⁷, a participação de mulheres nos feitos e rituais. Miudezas... (e aqui relembro o poeta e admiração diante das belas pequenezas da vida. Cf. Barros, 1990) pétalas da flor do Lótus... nomes de pessoas companheiras antigas... cisões, amizades.... parte de sua vida, de sua jornada e da própria religiosidade daimista viva e múltipla.

⁶ Justamente por ser uma entrevista em tom de conversa, optei por transcrever na forma mesmo de um diálogo. Retorno a Portelli (1997; 2010) ao considerar que o ato de transcrição é um ato de escolha (técnica, cognitiva e política) e, portanto, o início da interpretação e a continuação da elaboração de um texto multivocal.

⁷ Puxador(a) ou puxante é o termo nativo que se refere àquele que “puxa” ou “faz a puxada” do hinário: a pessoa que inicia o canto e o maracá (instrumento de percussão que se assemelha a um chocalho), dando o tom e o ritmo do hino e sendo capaz de trazer a “força”, a energia daquele hino para a sessão daimista.

ALGUMAS MEMÓRIAS DE RIZELDA SOBRE PRECES, MÚSICA, PUXADAS, PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES...

Cheguei à casa de dona Rizelda, fim de tarde, como combinado. Sua neta Balduyna estava lá para filmar a conversa. Augusta, sua nora, também estava presente. A madrinha foi logo me dizendo:

_ Vai ser o quê? As preces?

_ A senhora quem sabe. A senhora disse que queria falar das preces, da música...

_ Pois é, vamos logo para as preces. No tempo do Padrinho Irineu, com o Zé das Neves, ele falava pra gente rezar... primeiramente era, eu não sei se teve de cinco, talvez teve até de cinco mil preces... Eu sei que depois mudou para dez. E por último para vinte. Muita prece, né?

_ Por ano?

_ Por ano. Por ano. Do seis de janeiro aos seis de janeiro. Aí pronto hoje em dia não existe mais isso. No tempo que a gente passou lá para onde era o Tetéu, ele ainda passou assim uma ordem, pra gente rezar.

_ A senhora disse que tinha que entregar, não era?

_ Pois é, quando ia entregar o trabalho, dia de Reis, entregava as preces. Mas hoje em dia ninguém mais entrega prece não. Pelo menos aqui. Eu ainda rezo as minhas preces. Não vou rezar contando nem nada. Rezo o tanto que der. Mas eu agora estou até mais rezadeira. Que tem um tempo que a gente fica com muita preguiça de rezar, né? Meu Deus do céu.

_ Ainda mais cuidando de um monte de menino, não dá nem tempo!

_ Pois é. Nesse tempo eu quase não rezava não. Agora... Agora que ficou mais... Quando eu estou só. Quando o hinário não está tocando; que com o hinário tocando, eu não sei rezar.

_ Em casa mesmo?

_ É, em casa mesmo. A gente está fazendo as coisas e rezando. Pois é. E a música. O Padrinho queria mesmo, ele queria música. Era do gosto dele mesmo. Aí eu não sei quem foi que começou a música. Se foi padrinho Chico Granjeiro ou se foi o Júlio Carioca. O padrinho Chico diz que foi ele; o Júlio Carioca diz que foi ele. Aí ficou aquele negócio. Pois é.

_ Porque era só cantado, sem instrumentos?

_ Era só cantado. Não tinha música. Aí lá aprendeu a tocar a madrinha Peregrina, a dona Lurdes Carioca, a Maria Zacarias, a Jovita, a madrinha Adália... E outras mais. Pegavam um pouco de Daime iam para Floresta. Aprender a tocar. Chico Granjeiro fazia isso e outros mais.

_ Violão?

_ Violão, era. Não tinha sanfona não. Era violão, era pandeiro. Era muito bom. Aí...o Padrinho Irineu, ele criou: fazia o Cruzeiro a metade. Cantava a primeira parte sem instrumento. A última parte, iam tocar. Era só tocada, não cantava não.

_ Ficava bailando e a turma tocando?

_ Só bailando e eles tocando; e o Padrinho também, na mesa, com maracá dele.

_ E tocava assim como se fosse o hino inteiro?

_ O hino todinho, olhando pelo caderno, até completar o hino todo, né? E isso, até um tempo. Eu não sei se lá na madrinha Peregrina ainda fazem assim. Porque quando a gente passou para o Tetéu, uma vez o Luiz viajou com o Tetéu para se tratar, em Manaus e o Doca ficou no comando, que ele era o comandante. Aí ele perguntava para mim: “A gente vai cantar ou vai ser tocado?”. Aí eu digo: “Não, nós vamos é cantar!” E ele: “Ah! Aí sim.”. A gente cantava.

_ Aí cantava com os instrumentos?

_ Sim. Tocando e a gente cantando. Porque eu não sei, eu agora não sei porque o Padrinho fez isso assim. Não sei. Aí...porque bailar de boca fechada, né? Meu Deus do céu! Não sei não, era mais difícil. Não achava não Augusta?

_ Acho que tudo é um estudo diferente. É um grau de compreensão. Porque se você for bailar, só bailar para ouvir o hinário, você vai mentalizando o que você já aprendeu, a letra dos hinos – respondeu Augusta. E Balduyna entrevistou:

_Tinha gente desafinada, vó, nessa época?

_ Não. Não.

_ Mas tivesse desafinado era bom né?

A gargalhada foi geral. E dona Rizelda:

_ Pois é, era assim desse jeito.

_ E a música uma vez a senhora comentou comigo, faz tempo, que tinha aqueles trabalhos do Círculo Esotérico, que seu Luiz fazia a leitura e falava e tinha uma música...

_ Sim. Tinha. O João Cruz. Ele veio tocar aqui no forró, ele veio bem umas duas vezes. É, ele veio aqui tocar; era o João Cruz. Ele tocava aquelas valsas... bonitas, né? Todo mundo mirando, concentrado. Aí é outra coisa! Porque era sentado. E aí ele tocando, muito bom.

E ela retoma a narrativa inicial:

_ Mas então nesse tempo tinha muita gente para tocar! Tinha muita gente. Eu não me lembro se depois elas deixaram de tocar... eu não sei, porque ao redor da mesa lá da igreja do Padrinho Irineu era rodeado de tocador, a mesa toda! Era rodeado de tocador. E ti-

nha... apareceu até um, o Chico cego, chamavam ele Chico cego, e ele tocava muito bem. Era cego e tocava muito bem! Era violão também. E até ajudou a ensinar, que ele era muito bom mesmo. Tinha uns filhos do Manoel Cabeludo, que era uma pessoa que foi do Daimé. Os filhos todos ao redor da mesa. Até um tempo. Eu acho que eu ainda tenho o retrato desse povo ao redor da mesa tocando, tudo, vou olhar. Pois é. Eu sei que do meio pro fim, era algum já que tocava; já os escolhidos, né, que tocavam.

_ No começo tinha mais mulheres e depois ficaram mais os homens?

_ Tinha. Aí ficaram só os homens. As mulheres já... Acho que hoje em dia não tocam mais não, as mulheres. Isso só foi no começo, parece. Porque acho que para cantar, se as mulheres forem tocar... quem é que vai cantar?! Hahaha. Aí foi assim desse jeito.

_ E para puxar, assim, no canto: eram os homens ou as mulheres?

_ Sempre quem puxava era a madrinha Percília. A madrinha Percília era a puxadora.

_ De todos os hinários? – Perguntou Augusta.

_ Não. Do Cruzeiro. E ela também cantava o do Raimundo Gomes, que foi uma luta para ela colocar esse hinário em instrução. Ninguém sabia desse hinário. Foi muito difícil. Mas depois pegou o ritmo. Aí foi o tempo que ela se separou dele, a Jovita tomou conta. Ele ainda tentou entregar para o Luiz. Mas o Luiz... não quis. Porque já tinha o do Germano né? É, já tinha o do Germano. Aí não deu. Mas mais era a madrinha Percília. Madrinha Percília... madrinha Peregrina, acho que ela puxou muito pouco, não sei, nem lembro. Depois chegou dona Lourdes Carioca. Depois a Gilda. Maria Zacarias também puxava. E outras pessoas mais... A dona Lourdes Carioca puxava hinário muito legal. Ela não tinha a voz alta não. Ela tinha a voz grossa. Mas ela puxava tudo no tonzinho direitinho. Era muito legal a dona Lourdes.

_ E os outros companheiros. Quem era que puxava? – Perguntou novamente Augusta.

_ Os outros? Pera aí, deixa eu terminar o negócio da música. O seu Valcário chegou já quando o Padrinho, não sei se já tinha falecido... não. Perto de fazer a passagem, uma coisa assim, quando o seu Valcário chegou, o filho do Padrinho. Na igreja do Padrinho ele não chegou a tocar, mas quando a gente se separou da madrinha Peregrina, fomos lá para igreja onde hoje em dia é do Nica, ele tocava. Aquele da bocona assim, como é que a gente chama?

_ Um saxofone?

_ É, eu acho que era. Ele tocava muito bem. Não atrapalhava nada. Muito bem, tocava muito bem. Não atrapalhava nada, nada mesmo. Aí ele ficou com a gente; com a família dele toda. Todos ficaram lá com a gente. O Raimundo Gonçalves, que é irmão da madrinha Peregrina, tocava banjo muito bem também; e cavaquinho. Também ficou lá junto com a gente até um tempo. Mas depois ele voltou, porque ele tinha que voltar né. Para onde estava a irmã dele. E assim desse jeito. Que que era que?... – Olha para Augusta. E eu intervenho:

_ A Augusta perguntou quem puxava os outros hinários, dos companheiros?

_ Ah sim. O Germano ainda chegou a puxar. Ainda chegou puxar. O Luiz ainda assistiu o Germano puxando o hinário dele no São João. Depois que ele faleceu o Luiz quem ganhou esse hinário para puxar. O Chico Granjeiro puxava o do João Pereira. O João Pereira era o rei do conforto. Ele saía bailando assim nas formas olha, bailando.

_ No meio das filas?

_ Das filas, sim

_ E por que era o rei do conforto?

_ Porque ele dava conforto para as pessoas. Por acaso, tinha uma pessoa querendo esmo-recer, ele passava ali e a pessoa já saía daquele quadro.

_ Só naquele bailado que ele ia passando?

_ Só naquele bailado.

_ Entre os homens e as mulheres? – Perguntou Augusta.

_ Em tudo, tanto na fila das mulheres como na fila dos homens. Ele passava a noite bailan-do assim, dando conforto para as pessoas. Aí o chamavam, rei do conforto... E vou para onde agora?

_ E o hinário da...

_ A sim, ainda falta né. Aí, a madrinha Percília ficou com o da Maria Damião e o padrinho Chico com João Pereira. A madrinha Adália ficou com do pai dela, o Antônio Gomes. Então é isso aí. Isso tudo, meus meninos todos eram pequenos ainda. Aí depois, com a continua-ção, o Chico Granjeiro entregou para o Saturnino, o João Pereira.

E a conversa foi se ramificando em outros assuntos... Até que chegamos ao tema das mu-lheres no feitio de Daime:

_ E os feitios, as mulheres participavam? Quando era, na época lá... – Perguntei.

_ No tempo do Padrinho [Irineu]?... A gente catava folha. A gente catava folha. – Respon-deu Rizelda. - E a Maria Zacarias, ela esfriava o Daime com o Padrinho. Que ela morava na casa do Padrinho. Aí iam fazer o Daime lá no Chico Granjeiro e traziam lá para o Padrinho; não esfriava, engarrafava, né. Ele mais a Maria Zacarias. Não tinha nada de, de coisa de mulher não. Agora o padrinho Chico que não gostava, né! Não gostava.

_ Chico Granjeiro?

_ É. Não gostava que tivesse nem criança... Uma vez ele tirou o Saturnino, olha. Que estava catando folha. Ele tirou. Esse menino chorou tanto! Esse menino chorou tanto! Tanto, tan-to! Que, Deus me livre.

_ Tadinho...

_ Foi.

_ O seu Chico Granjeiro que era mais... rígido?

_ Era mais assim... Ele estava catando, ele tirou o Saturnino. E ele chorou muito. Até a madrinha Percília falou, por causa disso. Porque ele tinha tirado a criança.

_ Falou que não precisava disso?

_ É. Não precisava. Que era uma criança, ele estava fazendo direitinho.

_ E a história assim de mulher menstruada no...

_ Agora isso aí, não, não é bom; desde o tempo do Padrinho. Desde o tempo do Padrinho que nem ia para o feitio, nem catar folha, nem nada. E nas concentrações também, tomava Daime, mas ficava lá fora. Láaa num canto reservado.

_ Não ficava no salão?

_ Não. Não ficava no salão não. Hoje em dia a gente fica no salão porque às vezes, às vezes não tem as pessoas para ficar. Tem que ficar né.

_ Mas porque, a senhora sabe, assim? Qual era a indicação?

_ Eu não sei. Acho que é porque a mulher fica muito.... Não sei como é.

_ A senhora sente diferente, quando a senhora toma Daime assim quando... agora não né! Mas quando a senhora estava nos dias...

_ Não! Eu não. Eu não sentia não.

_ Era igual?

_ Era. Pra mim era. Eu não sentia diferente não.

Após uma pausa, a conversa seguiu por outras temáticas.

REFERÊNCIAS⁸

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Religião e Educação: os saberes da Ayahuasca no Santo Daime. *Revista Brasileira de História das Religiões* - ISSN 1983-2850 ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. *Epistemologia e saberes da Ayahuasca*. Belém: EDUEPA, 201.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CESARINO, Pedro. *Oniska*: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo, Perspectiva – Fapesp, 2011.

⁸ Além das referências citadas na entrevista, incluo mais algumas da pesquisa, relacionadas à temática abordada.

COUTO, Fernando La Roque. **Santos e Xamãs** – Estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia, e, em particular, no que concerne sua utilização sócio-terapêutica na doutrina do Santo Daime. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1989.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Tradução de Beatriz Perrone- Moisés e Ivone. São Paulo: Martins Fonte, 2002.

FRÓES, Vera F. **História do Povo Juramidam**: introdução à cultura do Santo Daime. 2. ed. Manaus: SUFRAMA, 1986.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Dá diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardie *et. al*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (org.). **O Uso ritual da ayahuasca**. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras. 2004.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia. (org.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MENDONÇA, Fernanda Cougo. **Memórias e artes verbais de Luiz Mendes do Nascimento**, o orador do Mestre Irineu. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2016.

MENDONÇA, Fernanda Cougo. Luiz Mendes. In: **Uwa'kürü** - Dicionário Analítico. Rio Branco: NEPAN, 2017, v. 2, p. 179-197. Disponível em: <https://www.nepaneditora.com.br/pagina-de-produto/uwa-kürü-dicionário-analítico-v-2>. Acesso em 16 mai. 2023.

MENDONÇA, Fernanda Cougo. Um mestre rouxinol: a voz poética de um dos arautos do Rei Juramidam. In: ALBUQUERQUE, Maria Betania B. ARAÚJO, Wladimir Sena (Org.) **Mestres da Ayahuasca em contextos religiosos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023.

MENDONÇA, Fernanda Cougo. NASCIMENTO, Luiz Mendes. **O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra**: Diálogos, Memórias e Artes Verbais. Rio Branco: NEPAN, 2019.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica**. O DNA e a origem do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

NASCIMENTO, Saturnino Brito. **No Brilho da Lua Branca**. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.

OLIVEIRA, Isabela. **Santo Daime**: Um sacramento vivo, uma religião em formação. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto de História**. Tradução de Elenice Mazzilli; *et.al*. São Paulo: PUC, nº 15, p.13-50, 1997.

RABELO. Kátia B. **Daime Música**: Identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina do Daime. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

Recebida em 05/01/2025

Aprovada para publicação em 31/01/2025